

O audiodescritor consultor como formador em cursos de AD para conteúdos audiovisuais

No início de 2021, já com cinco anos de experiência na produção de audiodescrição, comecei a atuar - em parceria com colegas audiodescritoras roteiristas - como formador em cursos de AD para conteúdos audiovisuais. Sabemos que a presença do audiodescritor com deficiência visual é fundamental em todo o processo de elaboração de roteiros de audiodescrição, compondo diferentes equipes e contribuindo ativamente nas mais diversas etapas do trabalho. E nas atividades formativas de novos audiodescritores? Como se insere o audiodescritor consultor? Qual o seu papel? Que contribuições pode oferecer nesse contexto?

Com o aumento da oferta de cursos livres de audiodescrição, profissionais de diferentes áreas, regiões e experiências têm buscado formações em AD para conteúdos audiovisuais. Nesse sentido, penso que a presença do audiodescritor consultor como formador já cumpre uma função inicial: comunicar aos alunos que não se produz audiodescrição sem o profissional com deficiência visual na equipe. Além disso, uma vez que a audiodescrição se destina principalmente ao público composto por pessoas cegas ou com baixa visão, me parece não haver sentido em se realizar um curso de AD sem que pelo menos um dos formadores tenha deficiência visual. É justamente esse profissional quem pode falar, baseado em sua experiência pessoal, sobre o alcance e a relevância desse recurso de acessibilidade, enfatizando o enriquecimento e a ampliação do universo cultural, social, educacional, etc, de inúmeras pessoas beneficiadas por uma AD produzida com alta qualidade.

Em minha experiência como audiodescritor formador, tenho desenvolvido diferentes práticas junto aos alunos na elaboração de roteiros de AD para conteúdos audiovisuais. Um dos aspectos iniciais de grande importância se refere a exercitar e treinar a percepção sobre aquilo que é comunicado pelas diferentes camadas sonoras dos conteúdos a serem descritos. Em uma primeira etapa, componho um mapeamento completo com minhas impressões, sensações e percepções a partir da trilha de áudio do material usado para o exercício. Com isso, as pistas sonoras são evidenciadas aos alunos, que podem usá-las como guia para compor e inserir a tradução das imagens, evitando duplicidades ao descrever elementos já comunicados pelo áudio original, além de produzirem uma AD que valorize as sonoridades da obra, que precisam ser escutadas em sua relevância em termos de comunicação, de estética, etc.

O próprio processo já consolidado de consultoria em audiodescrição também se faz presente em meio às etapas das práticas realizadas pelos alunos. Em geral, após as discussões iniciais sobre o conteúdo audiovisual a ser descrito, são formados grupos, trios ou duplas entre os integrantes da turma, para que elaborem os roteiros de AD. Ao realizar as minhas funções enquanto audiodescritor consultor nesses exercícios, encontro o desafio de entrar em contato com diferentes descrições sobre a mesma obra. Como dialogar com os diferentes grupos, tendo informações distintas à minha disposição? Até que ponto essa diversidade de olhares pode me auxiliar ou dificultar ao registrar meus comentários, apontamentos, dúvidas e proposições? Como posso respeitar as escolhas de cada aluno ou grupo, ao evitar uma certa uniformização dos diferentes roteiros de AD produzidos? Pretendo partilhar e discutir algumas dessas experiências e inquietações, a fim de ampliar as reflexões e de potencializar o papel do audiodescritor com deficiência visual enquanto formador de novos audiodescritores.